

REVISTA ALEA

PREPRINT

RESENHA

**Entre a memória e a criação: o hibridismo literário de Mário Cláudio**

**Between Memory and Creation: The Literary Hybridism of Mário Cláudio**

Rodrigo Felipe Veloso  
Universidade Estadual de Montes Claros,  
Montes Claros, MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

Resenha de:

*Diário incontinuo*. Mário Cláudio. Lisboa: Dom Quixote, 2024. 512p.

*Diário incontinuo*, lançado em julho de 2024, é a obra mais recente de Mário Cláudio, escritor que ocupa um lugar de relevo na literatura de língua portuguesa não apenas pela qualidade estética de sua escrita, mas também pela vastidão e pela diversidade de sua produção, comparável à de autores de referência como Camilo Castelo Branco e Agustina Bessa-Luís, ambos evocados nas páginas do próprio diário. O livro inscreve-se na tradição diarística, mas, ao mesmo tempo, a renova e amplia, conferindo-lhe novas camadas de hibridez literária e de intermedialidade.

A escrita de Mário Cláudio, nesse livro, rompe a linearidade da narrativa tradicional, optando por uma tessitura em mosaico que reflete tanto a experiência da memória quanto a fragmentação da identidade moderna. Os registros, embora dispersos, não são aleatórios: formam uma constelação de imagens e episódios que se articulam em torno da subjetividade do autor-personagem. A cada entrada, o leitor se depara com uma espécie de espelho estilhaçado, em que a intimidade se revela apenas parcialmente, como se o silêncio entre os fragmentos fosse tão eloquente quanto as palavras que se escrevem. Dessa maneira, *Diário incontinuo* não apenas conta, mas sugere, insinua e convoca o leitor a preencher os espaços vazios, transformando a leitura numa experiência de coautoria.

Além disso, é notável o modo como a obra dialoga com tradições de escrita íntima, diários, memórias, confissões, sem se deixar aprisionar por nenhuma delas. Em

Mário Cláudio, o diário não é simples registro da vida cotidiana, mas antes um espaço estético e filosófico de elaboração do vivido. As memórias pessoais se fundem com reflexões sobre a literatura, a arte e a condição humana, de modo que a dimensão individual se abre para um horizonte coletivo e cultural. Esse movimento confere ao livro uma espessura que ultrapassa a esfera autobiográfica, permitindo pensar o texto como exercício de ficcionalização do eu em que a memória se torna invenção e a vida, matéria literária.

Nesse contexto, o diário, por natureza, é um espaço de confissão e intimidade, onde o sujeito literário revela fragmentos de si. Como observa Girard (1986, p. 4), trata-se de “uma ocasião que desperta o sujeito para a vida. Dito de outra forma, a interioridade é ali dominante [...]”. Mas, para Cláudio (2024), o gênero não se limita a esse registo subjetivo. No prefácio intitulado *Incontinências* afirma que o diário

[...] transita do memorialismo à biografia, o empreendimento arrosta com a desfocagem da pretérita juventude, a enganosa nitidez da maturidade, e a perturbante distorção do futuro incognoscível (Cláudio, 2024, p. 14).

Ademais, o diário se constitui como uma travessia na qual a vida, as experiências e a narrativa se entrelaçam. *Diário incontinuo* é, ao mesmo tempo, testemunho e oficina criativa, permitindo que o leitor acompanhe seis décadas da trajetória do escritor, de 1958 a 2019.

Na tradição portuguesa, a referência maior do diário literário é, sem dúvida, José Saramago, cujos *Cadernos de Lanzarote* articularam com rara maestria o íntimo e o ensaístico, compondo um texto híbrido que revela tanto o homem quanto o intelectual em permanente diálogo com o mundo. É nessa mesma linhagem que se insere *Diário incontinuo*, embora Mário Cláudio eleve ainda mais o grau de hibridez. A obra não se restringe à palavra escrita: incorpora fotografias familiares, manuscritos, capas de livros, desenhos, pinturas e imagens de outros escritores, conferindo-lhe densidade visual e documental.

O caráter “incontinuo” do diário provém de sua estrutura fragmentada, marcada por longos hiatos que refletem momentos decisivos: a experiência na guerra da Guiné, as estadias na Inglaterra e as visitas frequentes a Veneza. Longe de constituírem meras ausências, esses intervalos tornam-se ritmos da própria vida, revelando o modo como a memória se constrói de forma fragmentária. Ao longo de sessenta anos, o autor registra

impressões pessoais, reflexões literárias, passagens familiares, memórias amorosas e acontecimentos públicos, compondo um verdadeiro mosaico identitário, tanto pessoal quanto artístico.

De modo implícito, o diário pode ser lido em três grandes blocos que correspondem a diferentes fases existenciais: juventude, maturidade e velhice, numa lógica de ritos de passagem. A juventude surge como fase de iniciação; a idade adulta, como consolidação do escritor; e a velhice, como momento de consagração. Esses estágios, porém, não são rígidos, mas interdependentes, já que temas, memórias e figuras retornam ciclicamente, sob novas ressonâncias. É o caso de Agustina Bessa-Luís, presença recorrente, ora como objeto de fascínio, ora como alvo de crítica.

O primeiro registo da juventude remonta a 1º de janeiro de 1958, no Porto, quando Rui Costa (nome de batismo de Mário Cláudio) escreve:

[...] às seis horas, fui para a casa da Avó onde jantávamos todos. Éramos dezasseis pessoas a mesa, [...]. Acabado o jantar a Avó conduziu-nos ao andar superior onde tinha uma árvore de Natal, cheia de presentes [...](Cláudio, 2024, p. 20).

Esse episódio enfatiza o peso da memória afetiva e familiar no percurso autobiográfico, em que a tradição natalina se configura como metáfora da iniciação no ciclo da vida e da escrita. A cena é acompanhada por uma fotografia com a avó e por um cartão de presente natalino.

Poucos meses depois, em 27 de agosto de 1958, já em Sevilha, o jovem escritor registra:

O Alcazar é um palácio do século XIV. [...] O arabesco e o motivo da decoração, envolvendo paredes e capitéis. Junto ao lago das abluções, parecem dissolver-se ainda, no ruído das águas, as rimas líricas de Almotanabi. Nos jardins respira-se a languidez das noites estivais. [...] Na sua capela, a Virgem de la Macarena é bela em demasia, o que lhe prejudica a santidade. O lenço de renda, que suspende entre os dedos, tem um acento de tal modo *coquette*, que apenas esse toque tão leve serviria para justificar a asserção (Cláudio, 2024, p. 26-27, grifo do autor).

Esse excerto revela a acuidade observadora e o estilo pictórico do adolescente, que já prenuncia o imaginário literário da obra futura.

Uma fotografia com uma cadeira ornamentada e um violão reforça a fusão entre tradição popular e sofisticação cultural: enquanto o Alcázar simboliza a herança árabe-andaluz, a cadeira e o violão remetem ao universo do flamenco, em diálogo entre o sagrado e o profano, o espiritual e o sensual.

Outro momento expressivo surge em 21 de setembro de 1959, em Algodor, Beja: “Diante de meu corpo, ofendendo-o na sua pequenez, a charneca começa agora a desafiar-me a alma. Parece querer chamar o mar e revolve-se, impotente e esquecida” (Cláudio, 2024, p. 52).

A charneca é aqui personificada como um ser em luta pela sobrevivência, metáfora da vulnerabilidade e da solidão existencial. A paisagem desolada também se articula com a simbologia do cavalo, descrito por Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 201-202) como força vital e paradoxal, ligada tanto ao fogo destruidor quanto à água nutriente, refletindo tensões e fragilidades humanas.

Ainda nesse período, destaca-se a convivência paradoxal com Agustina Bessa-Luís. Se em 13 de junho de 1981 o autor se surpreende com a quase mediúnica relação de Agustina com a escrita, em 11 de dezembro do mesmo ano escreve com ironia: “Memória da monomania literária: a Agustina, que não gosta de mim por sermos tão próximos, evidentemente” (Cláudio, 2024, p. 78). Já em 1982, o tom é conciliador, quando recebe da romancista um exemplar de Sebastião José com dedicatória, reconhecendo a “grandeza desta prosa inarticulada” (Cláudio, 2024, p. 88-89).

Essa relação de admiração e crítica persiste ao longo da maturidade e até a velhice, confirmando Agustina como um “monstro sagrado” literário e interlocutora constante na obra.

No auge da consagração, entre 2011 e 2019, Cláudio assume seu estatuto de referência maior da literatura portuguesa. O registro de 2013, sobre a inauguração do Centro de Estudos Mário Cláudio, em Venade, é revelador de seu humor autoirônico: “O faraozito contempla a sua pequena mastaba, e sorri ‘como quem tem chorado muito’” (Cláudio, 2024, p. 457). Mesmo já reconhecido, o escritor mantém o olhar crítico e a reflexão sobre a fragilidade do criador, como no registro de 30 de agosto de 2014: “Na [...] Póvoa do Varzim, um desconhecido vem felicitar-me pelo meu trabalho [...]. Que inseguros que somos todos nós, os da escrita, com ou sem Nobel à vista!” (Cláudio, 2024, p. 470).

Ao longo das páginas, desfilam também figuras centrais da cultura contemporânea, Lobo Antunes, Eugénio de Andrade, Vasco Graça Moura, Manoel de Oliveira, Gonçalo M. Tavares, confirmando que a grandeza literária de Cláudio se constrói em diálogo e partilha.

Em síntese, *Diário incontinuo* transcende o mero registro autobiográfico. É obra híbrida, inventiva, que articula memória íntima e testemunho coletivo, humor e melancolia, palavra e imagem. Revela tanto o homem quanto o processo criativo, oferecendo um retrato das letras portuguesas ao longo de seis décadas. Ao final, a escrita de Mário Cláudio afirma-se como exercício de coragem, ironia e partilha, num contínuo entre o eu e o outro, a vida e a literatura: “[...] os mestres arvoram-se em únicos depositários do saber. Estipulam e decidem, convencionam e governam. Se eu não fosse eu, seria impossível” (Cláudio, 2024, p. 58).

### **Referências**

CLÁUDIO, Mário. *Diário incontinuo*. Lisboa: Dom Quixote, 2024.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução: Vera da Costa e Silva. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

GIRARD, Alain. *Le journal intime*. Paris: FeniXX, 1986.

**Rodrigo Felipe Veloso**. Docente no Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes. É doutor em Letras: Estudos Literários pela UFJF e tem Pós-doutorado em Letras: Estudos Literários na UFMG. Atua na área da Literatura Portuguesa e é membro permanente do Grupo Interdisciplinar de Estudos Lusófonos (GIELLUS – UEPB), no Núcleo de Estudos Judaicos (NEJ – UFMG) e no projeto sobre a diáspora e memória na literatura de escritoras judias no Brasil (UNIMONTES).

E-mail: [rodrigof\\_veloso@yahoo.com.br](mailto:rodrigof_veloso@yahoo.com.br)

### **Declaração de Autoria:**

Rodrigo Felipe Veloso, declarado autor, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

### **Declaração de Disponibilidade de Dados:**

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

### **Declaração dos Editores:**

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutiérrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.